



Carta aberta aos povos do Semiárido

Nós, camponeses, quilombolas, geraizeiros, povos de fechos e fundos de pastos, vindos dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, participantes da oficina **“Convivência com o Semiárido ou Megaprojetos de energia renovável: qual projeto queremos?”**, realizada no X ENCONASA, na qual foram partilhadas dores e horrores de quem se tornou vizinha ou vizinho de grandes empreendimentos de energia, afirmamos que o “progresso” que queremos é aquele garanta nossos modos e meios de vida.

Reafirmamos categoricamente que hoje, a maior ameaça ao projeto de convivência com o semiárido são os megaprojetos de produção de energia, ditas limpas e renováveis. Ao longo de seus 25 anos de existência, a ASA, e a organização dos povos do semiárido, foi capaz de construir uma imensa malha hídrica descentralizada, que democratiza e garante o acesso a água de qualidade para beber e para produzir alimentos a milhões de sertanejos.

Do sonho de transformar o Semiárido brasileiro no maior produtor de alimentos do mundo, já são mais de 1,2 milhão de cisternas construídas nos 1.262 municípios, cerca de 200 mil infraestruturas para produção de alimentos, mais de 7 mil escolas do campo com cisternas, 859 Casas ou Bancos de Sementes Comunitários distribuídos por todo o Semiárido. Contudo, durante a oficina, tivemos a clara dimensão do quanto esse patrimônio já está sendo dilapidado pelos empreendimentos de energia.

Se estávamos construindo um semiárido próspero e digno, o que já encontramos em muitos territórios são cisternas rachadas; mulheres violentadas e voltando a carregar água; produção de alimentos reduzida pelos efeitos ambientais dos grandes projetos; jovens sem opção ou oportunidades de produzir, perda de direitos, incluindo os previdenciários; famílias inteiras adoecidas; casas abandonadas; comunidades e o campo esvaziados; aumento da periferia das cidades com o deslocamento de famílias inteiras refugiadas da destruição





ambiental; aumento da miséria e da fome, e a ameaça à soberania e segurança alimentar e nutricional dos povos do semiárido.

Repudiamos veementemente esse projeto de morte. Em defesa do nosso Semiárido, somos chamados e chamamos a ASA a criar frentes de resistência a esse modelo. E que possamos usar nossa criatividade na construção e socialização de conhecimentos sobre o tema e na proposição de alternativas de vida, tal como nossa Caatinga sempre nos ensinou e inspirou.

Defendemos a agroecologia e a produção descentralizada, comunitária e popular de energia como caminhos possíveis para enfrentamento da crise climática.

Por um semiárido vivo, por justiça socioambiental e democracia participativa!

Piranhas/AL, 20 de novembro de 2024.

